

Operadora: Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência da QGEP, para discussão dos resultados referentes ao quarto trimestre e ano de 2012. Estão presentes hoje conosco o Sr. Lincoln Rumenos Guardado, CEO da Companhia, a Sra. Paula Costa Corte-Real, Diretora Financeira e de Relações com Investidores, o Sr. Danilo Oliveira, Diretor de Produção e o Sr. Sergio Michelucci, Diretor de Exploração.

Informamos que esse evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando instruções adicionais serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de assistência durante a conferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0. O replay desse evento estará disponível logo após seu encerramento por um período de uma semana.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência, relativas às perspectivas de negócios da QGEP, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais, podem afetar o desempenho futuro da QGEP e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora, gostaríamos de passar a palavra para o CEO da Companhia, o Sr. Lincoln Rumenos Guardado, que dará início à apresentação. Por favor, Sr. Lincoln, pode prosseguir.

Sr. Lincoln Rumeno Guardado: Muito obrigado.

Bom dia a todos e obrigado por participarem da teleconferência de hoje. Como já anunciado, junto comigo para apresentar nossos resultados financeiros e operacionais deste quarto trimestre e do ano de 2012 estão a Paula Costa, nossa Diretora Financeira e de Relações com Investidores, o Danilo Oliveira, Diretor de Produção e o Sérgio Michelucci, Diretor de Exploração, que vão nos ajudar nesta apresentação e nas dúvidas que os senhores porventura venham a ter.

Passando para o slide 3, temos uma visão geral e de nossos resultados, discutiremos os nossos planos futuros e depois abriremos o *call* para as perguntas.

2012 foi um ano de avanços significativos para a QGEP e começamos 2013 de forma bastante positiva. Além de reportar melhorias em diversas métricas financeiras e operacionais na comparação com 2011, continuamos a implementar a nossa estratégia de crescimento balanceado em 2012. Hoje temos um diferencial de sermos uma companhia de óleo e gás independente e com equilíbrio importante entre atividades de exploração e de produção, entre *plays* voltados para óleo e para gás e entre operação e parcerias.

Os destaques de 2012 foram: o elevado nível de produção do Campo de Manati, que é hoje o maior Campo produtor de gás no Brasil; a descoberta transformadora de Carcará, no Bloco BM-S-8, onde devemos iniciar a perfuração de um poço de extensão no segundo semestre de 2013, como já amplamente divulgado; a aprovação do plano de desenvolvimento do Campo de Atlanta, do qual somos o operador; uma posição

financeira privilegiada, refletida não apenas no saldo de caixa líquido, bem como no fluxo de caixa recorde gerado pelas atividades operacionais, e o anúncio das novas rodadas da ANP, gerando oportunidade para o setor e eventual expansão e diversificação do portfólio da QGEP.

Vamos revisar agora o nosso portfólio de ativos de produção e exploração. No slide 5 apresentamos informações sobre o Campo de Manati – o maior Campo produtor de gás no Brasil. Temos participação de 45% neste Campo localizado na Bacia de Camamu, no nordeste do Brasil. Em 2012, tivemos um aumento de 50%, aproximadamente, na produção média do ano, para 6,1 milhões m³ por dia, resultado do retorno da capacidade total do Campo e da forte demanda de gás das termoelétricas ao longo de 2012.

No segundo trimestre de 2013 está programada uma manutenção com duração de 20 a 30 dias interrompendo desta forma a produção neste período. Por isso, esperamos uma produção média que vai variar de 5,5 a 6 milhões de m³ por dia para o ano de 2013. Os custos dessa manutenção líquidos para a QGEP estão estimados em aproximadamente R\$ 40 milhões.

Passando para os nossos ativos exploratórios, o slide 6 apresenta as informações que temos até o momento sobre o Bloco BM-S-8, onde detemos uma participação de 10%. Em janeiro deste ano a perfuração do poço Carcará foi concluída a uma proximidade final de aproximadamente 6.700 metros, e os dados coletados foram extremamente promissores, com uma coluna de óleo de 471 metros em reservatórios de excelente qualidade, com um potencial de apresentar altas vazões.

Embora questões operacionais não tenham permitido a realização de um teste de formação (TFR) neste pioneiro, o Consórcio pretende realizar esse teste no poço de extensão com início da perfuração prevista para o segundo semestre deste ano. Estamos esperando a aprovação da ANP para a revisão do plano de avaliação da área. Em função da descoberta de Carcará, esta revisão inclui a prorrogação do prazo de novos compromissos, tais como a perfuração de Guanxuma. A revisão também não altera o cronograma divulgado anteriormente pelo operador para o desenvolvimento de Carcará, que considera a perfuração de poços produtores no período de 2016 e 2017 e o primeiro óleo em 2018.

Ainda não podemos divulgar estimativas de volume para Carcará, já que temos atividades futuras programadas. Continuamos otimistas com os resultados obtidos até agora e, como decorrência, o Consórcio está revisando o potencial exploratório do Bloco BM-S-8.

O slide 7 mostra o Bloco de BS-4, onde somos o operador e temos 30% de participação. Esse bloco é um ativo importante para a Companhia e não engloba apenas os Campos de Atlanta e Oliva no pós sal, mas também o prospecto de Piapara com objetivos no pré-sal. Piapara está localizado no mesmo *trend* e contexto geológico das descobertas gigantes de Libra, Franco e das recentes descobertas de Dolomita Sul e Florim nesta bacia.

Em janeiro deste ano anunciamos a aprovação do Plano de Desenvolvimento de Atlanta, que inclui o Sistema de Produção Antecipada pelo período de 3 anos. O SPA consiste na produção através de 2 poços horizontais para um FPSO. O investimento esperado para este sistema de produção antecipada é de US\$ 126 milhões, líquidos para a QGEP.

De acordo com o plano, o sistema definitivo no Campo de Atlanta está previsto para ser concluído em 2018, considerando um FPSO com capacidade de produção de 100.000 barris/dia, totalizando 12 poços horizontais no Campo. Estamos nos preparando para

perfurar o prospecto de Piapara, com objetivos no pré-sal, previsto para o primeiro semestre de 2014 e o CAPEX é estimado em US\$ 80 milhões para a QGEP.

No slide 8 apresentamos o Bloco BM-J-2 localizada na Bacia de Jequitinhonha, onde somos operador e temos 100% de participação, já um velho conhecido de vocês. A perfuração do poço Alto de Canavieiras, iniciado em 2011, foi interrompida a 2.540 metros devido à restrições ambientais estabelecidas pelo Ibama e que proíbem as atividades de perfuração e sísmica entre os meses de outubro a março.

Estamos agora em discussões finais para a contratação de uma sonda *jackup*, que permitirá retomar a perfuração do prospecto de Alto de Canavieiras em junho deste ano. A profundidade final prevista é de aproximadamente 4.700 metros dentro do pré-sal, sendo esta, talvez, a maior zona investigada no pré-sal nas bacias do nordeste do Brasil.

A licença ambiental que temos para o poço vence em junho de 2013 e a QGEP já submeteu ao Ibama os documentos necessários para a sua renovação. Estimamos um investimento de US\$ 70 milhões para a conclusão deste poço.

No slide 9 apresentamos um resumo de alguns ativos do nosso portfólio exploratório. Começando pelo sul, na Bacia de Santos, o Consórcio planeja reentrar no poço Ilhabela no Bloco BM-S-12 em 2014, onde pretende realizar um teste de formação do reservatório Santos 2.

Movendo na direção norte para a Bacia de Campos, está prevista a perfuração em 2014 do prospecto Guanabara Profundo, localizada na concessão do BM-C-27, que adquirimos participação de 30% da Petrobras no ano passado.

Mais ao norte, na Bacia de Camamu, deveremos iniciar a perfuração de um poço no BM-CAL-12 e outro no BM-CAL-5, ambos em 2014.

Passarei agora a palavra para nossa Diretora Financeira e de Relações com Investidores Paula Costa Corte-Real para discutir os nossos resultados financeiros.

Sra. Paula Costa: Obrigada Lincoln. Vamos passar agora para os principais destaques financeiros do quarto trimestre e do ano de 2012.

Como podemos ver no slide 11, tivemos resultados muito positivos no Campo de Manati durante o quarto trimestre e no ano de 2012. O incremento na receita líquida no ano de 2012 foi motivado pelo restabelecimento da capacidade integral de produção do Campo de Manati aliado à forte demanda de gás natural das termelétricas no Brasil; dois elementos que impactaram positivamente a produção neste ano.

A receita líquida atingiu R\$ 116 milhões no 4T12, um aumento de 40% em relação ao mesmo período do ano anterior. Para o ano de 2012, a receita líquida totalizou R\$ 462 milhões, um aumento de 60% em relação aos níveis de 2011.

Passando para o slide 12, podemos ver que o EBITDAX da companhia foi de R\$ 62 milhões no quarto trimestre, e a nossa margem EBITDAX foi de 54%, um aumento substancial que foi resultado do desempenho operacional do Campo de Manati.

O lucro líquido foi de R\$ 83 milhões para 2012; 10% menor do que os R\$ 92 milhões em 2011, principalmente em função dos custos de exploração incorridos ao longo do ano relacionados ao Bloco BM-S-12 e à devolução da descoberta de Jequitibá para a ANP.

No quarto trimestre o lucro líquido atingiu R\$ 47 milhões, que é mais do que o dobro do 4T11, quando os volumes de produção foram afetados pela manutenção não programada do Campo de Manati.

No slide 13 temos uma comparação dos custos operacionais do quarto trimestre, bem como de todo o ano de 2012 e 2011. Em relação ao trimestre, não foram observadas alterações significativas nos custos operacionais incorridos. As despesas gerais e administrativas foram de R\$ 18 milhões no trimestre, 8% a mais do que o reportado em 2011. Para o ano, as despesas gerais e administrativas foram de R\$ 63 milhões, um pouco acima dos R\$ 60 milhões de 2011.

Os números de 2012 incluem um aumento do quadro de funcionários da companhia, principalmente na área de produção, em função de nossas operações no Bloco B-S-4. Do total de despesas gerais e administrativas em 2012, R\$ 13 milhões foram alocados a este projeto.

No slide 14 temos uma visão geral do nosso CAPEX esperado, bem como a abertura por blocos. O CAPEX de 2013 está estimado em US\$ 155 milhões para a perfuração dos blocos BM-J-2, BM-S-8 e BS-4.

Em 2014 estamos planejando acelerar as nossas atividades exploratórias e como resultado aumentamos o nosso orçamento para US\$ 282 milhões. Este valor engloba atividades nos blocos BS-4, BM-S-8, BM-CAL-5, BM-CAL-12, BM-S-12 e no nosso mais recente farm-in, na concessão BM-C-27. Os US\$ 78 milhões restantes estão relacionados ao Sistema de Produção Antecipada do Campo de Atlanta, para o qual planejamos a perfuração de 2 poços horizontais.

O slide 15 mostra a nossa sólida posição de caixa e a abertura dos nossos investimentos financeiros. No final de 2012 tínhamos um saldo de caixa de R\$ 952 milhões e um balanço totalmente desalavancado. Nosso caixa está todo em Reais aplicado em fundos exclusivos. A QGEP possui uma posição diferenciada por ter um investimento relacionado ao seu portfólio atual de ativos totalmente equacionado em seu balanço, em função da sua posição de caixa e do fluxo projetado para os Campos de Manati e Atlanta.

Com isso, gostaria de retornar o *call* para o Lincoln discutir a rodada da ANP que está se aproximando, bem como os nossos planos de curto e longo prazo.

Sr. Lincoln: Obrigado Paula. Antes de comentar os nossos planos para o restante de 2013, gostaria de falar sobre a rodada de licitações da ANP que se aproxima.

Ao final do ano de 2012 a QGEP alcançou um fluxo de caixa operacional recorde de R\$ 254 milhões e possui atualmente um saldo de caixa e investimentos líquidos de R\$ 952 milhões. Isso nos concede uma flexibilidade financeira significativa para nos prepararmos para participar da 11ª rodada de licitações da ANP, entre outras, que está programada para ocorrer em 2 meses.

A rodada irá oferecer 289 blocos, sendo a maior parte em áreas de fronteira em 11 bacias, totalizando 155 mil km², no mar e em terra. Como uma companhia brasileira com foco em expandir a presença no Brasil, esperamos participar neste evento e nos subseqüentes que poderão determinar o crescimento e a diversificação do nosso portfólio, de uma maneira diligente e seletiva, sempre olhando para a melhoria do nosso portfólio.

Em resumo, 2013 promete ser um ano muito ativo para nós. No que concerne a produção, esperamos que, mesmo com a parada para a manutenção, a produção de Manati fique entre 5,5 e 6 milhões de m³ por dia de gás no ano, e estaremos perfurando um poço horizontal como parte da primeira fase do Sistema de Produção Antecipada do Campo de Atlanta.

Adicionalmente, faremos uma certificação de nossos recursos com previsão de conclusão próxima ao nosso anúncio de resultado no segundo trimestre de 2013 e esperamos participar da rodada de licitações da ANP programada para maio deste ano.

Como vocês podem ver neste slide de conclusão, há muitos projetos de exploração e produção previstos para 2014. Também haverá muito trabalho no âmbito de desenvolvimento no período de 2015 e 2017 - desenvolvimento da produção - considerando o nosso portfólio de ativos atual. Esses projetos estão alinhados com a nossa estratégia de manter uma posição balanceada entre ativos de produção e de alto potencial exploratório.

Adicionalmente, estamos reafirmando o foco na diversificação e no crescimento da receita no médio e longo prazo, o que nos garantirá um crescimento contínuo da Companhia. Temos um time de profissionais altamente experientes que nos dá confiança de que os próximos anos serão de grandes avanços na consolidação da QGEP no cenário de óleo e gás no Brasil.

Operador, com isso, gostaríamos de abrir o *call* agora para as perguntas. Obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Com licença, senhoras e senhores iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco um. Para retirar a pergunta da lista, digitem asterisco 2.

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Frank McGann, Bank of America.

Sr. Frank: *Hi, good day. Thank you very much for the call. Just on BS-4 there was some discussion of whether you would need to drill an additional vertical well to get certain information, and I know that decision is probably going to be made fairly sooner, I was wondering if you have any information on how much you would save from that.*

And secondly, based on the presentation, it looks as if you're still keeping as the base case the lower level of production initially and only going to the full production system in 2017/18, and I was wondering what you are thinking now about the possibility of going to the full production system as the first option and then scaling production a little bit faster over the coming years.

Sr. Lincoln: *Ok, Frank, thank you for your question.* Eu vou passar esta pergunta para o Danilo, que vai te responder com maior detalhe os dois pontos, ok?

Sr. Danilo: *Hi Frank, good morning. I'm sorry, but I am going to answer in Portuguese, ok? Nada foi mudado de janeiro para cá nos planos do BS-4. Como dissemos lá, o poço vertical continua na programação, mas aumentam as probabilidades dele ser retirado. Nós estamos ainda concluindo as análises das amostras que foram retiradas pelo antigo operador, e estão se mostrando satisfatórias, mas esta conclusão ainda não foi concluída.*

Então, há uma grande possibilidade realmente do poço vertical ser retirado da programação, mas ainda não é efetiva esta resposta.

Com relação à aceleração de produção, mantemos ainda esta probabilidade, mas os estudos continuam nesta direção de fazer os 2 poços, manter a produção estimada dos níveis que foram anunciados, cerca de 12 a 13.000 barris por dia, no mínimo, para posterior confirmação.

Então, por volta do final deste ano, com a perfuração do primeiro poço e com o final do primeiro poço e o teste de formação dele nós, aí sim, poderemos acelerar o desenvolvimento.

Sr. Frank: *Okay, thank you very much. If I could just maybe do a follow-up, just in terms of the gas production at Manati: about the target you have for this year between 5,5 and 6 million m³ a day; if demand stays strong related to thermal plants and based on the production so far this year – the demand stayed very strong – is that possible that number could be a little bit higher or will the maintenance work plan almost assure that it stays lower?*

Sr. Danilo: Nós estamos baseando nossas estimativas na produção atual. Já posso adiantar que os 3 primeiros meses até agora a produção está bem alta, está acima de 6,5 milhões m³ por dia e estamos também acompanhando a previsão de chuvas e aumento dos reservatórios que produzem a eletricidade através das hidrelétricas. Então, a previsão é que continuemos com a demanda alta até o final do ano e isso mantém a nossa estimativa entre 5,5 a 6 milhões de m³ por dia durante este ano.

Só para complementar, essa redução considera entre 20 e 30 dias de zero de produção devido à manutenção.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Marcus Siqueira, Deutsche Bank.

Sr. Marcus: Bom dia a todos, obrigado pelo *call*. Duas perguntas. Uma voltando no BS-4, eu lembro que no evento que vocês tiveram há pouco tempo ainda não tinha uma definição sobre a plataforma definitiva. Gostaria de saber se houve alguma conversa com a OGX em relação a utilizar algumas plataformas ou usar uma plataforma da OGX para este Campo.

E segundo, é sobre o leilão. Eu sei que é difícil vocês darem uma indicação de quais áreas que vocês vêem como mais interessantes, mas a sua visão geral sobre os blocos - que são blocos de fronteira, não tem nada oferecido nas áreas mais tradicionais como Campos e Santos - qual a sua opinião, o interesse que vocês têm sobre estas áreas e se vocês já têm alguma idéia, algum orçamento a ser gasto neste leilão, e se vocês já estão falando com outras companhias para formar consórcios. Como vocês estão em termos de negociação com outras companhias? Obrigado.

Sr. Danilo: Ok. Quanto à primeira pergunta, não iniciamos ainda o processo de *bidding* do FPSO, mas temos conversado, sim, com todas as companhias que prestam este serviço; inclui aí a OSX e a QGOG, que faz parte do nosso Grupo também, além de todas as tradicionais operadoras de FPSO no mundo. Então, todas têm manifestado interesse e assim que iniciarmos o processo nós iremos anunciar quem irá participar.

Sr. Lincoln: Muito bem Marcus, com relação à audição, obviamente existe uma certa abundância de áreas como nós já vimos aí, é meio continente que está sendo oferecido,

e a Companhia, pelo seu próprio DNA hoje, ela rastreia o que está acontecendo no Brasil todo, seja em terra, seja no mar, tentando identificar oportunidades para médio prazo e para curto prazo, como sempre, mas, com relação ao leilão, nós estamos mais focados em mar pelo próprio tipo de montagem que estamos fazendo no nosso portfólio e de alguns diferenciais que hoje a QGEP já detém.

No entanto, fica muito difícil para a gente falar um orçamento para isso. Isso é algo que se vai ao longo dos estudos que já estão em andamento já há algum tempo e, obviamente, com o monitoramento da compatibilidade que isso vai ter. Então, é muito difícil no momento nós falarmos que tipo de orçamento a gente teria para este leilão.

O fato é o seguinte: nós estamos com apetite. Isso eu posso dizer a você, que a gente sim, pretende estar lá, participar e competir. Agora, realmente ganhar e que caixa vai ser envolvido, vai depender de todo o final destes estudos e de tudo aquilo que a gente está fazendo no momento.

Agora, caixa é sempre importante dizer, como nas já anunciamos anteriormente, o caixa não é uma restrição e ao mesmo tempo não é também um incentivo para pagar qualquer preço. Nós estamos dentro da mesma lógica corporativa de avaliação de retorno e de diversificação do portfólio, seja do risco que é um dos pontos, seja no valor dele através do crescimento do volume, ok?

Sr. Marcus: Ok, obrigado. Só um *follow-up* se eu puder. Em relação à venda de ativos existentes, teve a história de a Petrobras ter interesse em venda de ativos e outras companhias também. Vocês continuam vendo essa opção de compra de ativos existente, e como que vocês estão vendo o mercado brasileiro em relação à quantidade de ativos sendo colocados à venda agora?

Sr. Lincoln: É, de fato, há este anúncio da Petrobras que ela vai colocar não só as áreas de exterior que já foi amplamente divulgado, e já é um processo aparentemente em andamento e as áreas do Brasil também. Nós somos interessados em ver estas áreas e obviamente vamos aguardar um contato da Petrobras porque a gente não sabe de que maneira isso será feito.

Mas nós temos interesse sim, porque são áreas que têm apelo sem dúvida nenhuma, e nós como uma Companhia brasileira que pretende pelo menos no curto prazo permanecer no Brasil, estamos interessados em ver.

Sem dúvida o fato de ter uma oferta bastante ampla, pelo menos anunciada, para este ano de outros leilões, a gente acha que é sempre conveniente. Anúncio de leilão é bom para o mercado, é bom para todo mundo, porque você mostra o interesse do governo em atrair empresas, em dar novo ânimo à indústria de óleo e gás no Brasil; e isso sempre é bom.

Agora, uma super oferta pode causar algum tipo de diminuição na competição. Mas eu acho que o governo, como olha obviamente para o longo prazo, olha para a promoção – ele é um *promoter* nisso tudo – ele está certo e o mercado simplesmente vai gostar de tudo que está vindo por aí. Esta é a nossa opinião.

Sr. Marcus: Muito obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem da Sra. Paula Kovarsky, Itaú BBA.

Sra. Paula: Bom dia a todos. Eu queria fazer duas perguntas aqui. Uma sobre o BM-S-8; vocês estão falando aqui numa certificação das reservas e dos recursos que poderia estar pronto aí no final do segundo trimestre, é neste momento que vocês esperam ter uma estimativa mais concreta de volume para a acumulação de Carcará ou vocês ainda estão em conversação com os outros participantes do Consórcio para eventualmente poder dar alguma cor neste volume para a gente antes disso; e se vocês poderiam falar alguma coisa a mais sobre a expectativa de unitização tanto do Carcará para fora do bloco quanto se vocês já tiveram alguma discussão sobre o Abaré Oeste, que parece entrar para dentro do BM-S-8.

A segunda pergunta é sobre os leilões; vocês acham que de alguma maneira essa batalha jurídica na qual foi transformada essa discussão sobre a divisão dos *royalties* pode eventualmente atrasar este leilão?

Sr. Lincoln: Paula, prazer em tê-la novamente aqui no nosso convívio. Mas, eu vou dizer o seguinte, nós pretendemos continuar com a nossa certificação independente deste processo que continua vivo no Consórcio do BM-S-8. Sem dúvida os dados promovidos já pelo Carcará são muito extensos, são muito amplos. Estes trabalhos estão sendo feitos pelo operador e vão estar aí. E nós continuamos discutindo.

Agora, tendo em vista que nós não conseguimos realizar esse teste de formação, que é fundamental para se ter ideia de produtividade, malgrado a nossa opinião, de ser reservatório de altíssima qualidade, etc., eles são dados fundamentais para que se faça uma avaliação de produtividade, para que se consiga fazer uma análise de recuperação e dessa forma, por conseguinte, ter qual é o *range* de volume recuperável.

A Petrobras está mergulhada nisso, mas provavelmente, na nossa certificação, nós ainda não teríamos resolvido esse problema desta análise, que só viria com a perfuração do poço de extensão e o consequente teste de formação a ser resolvido. Mas, é algo que continua em discussão com a Petrobrás. Sabemos que há limitações dada a importância desta descoberta em classificar muito o número. Então, a gente não espera que se possa ainda divulgar. Mas esta discussão continua com a Petrobras e a gente está evoluindo com ela, respeitando obviamente algumas dessas limitações.

Sra. Paula: Deixa eu refazer a pergunta então. O Carcará vai fazer parte desta avaliação independente?

Sr. Lincoln: A gente pretende, sim, fazer uma avaliação, mas a publicação dela depende do acordo entre os consorciados. Como foi no início, ela depende do acordo, obviamente por questões dos documentos privados tipo o JOA, que não permitem que se faça isso.

E por quê, Paula? É muito compreensível; nós temos 4 companhias, 4 companhias que têm visões muito apuradas a respeito disso, sobretudo a Petrobras e há que haver uma convergência e há que haver uma certa lógica neste número, e é isso que nós estamos buscando. Quanto mais dados, obviamente, mais esse *range* vai diminuir e mais, francamente, poderemos falar sobre isso, sobretudo o operador, o operador que tem maior conhecimento destas áreas.

Mas não há dúvida que o otimismo nosso continua o mesmo daquela época. Nós vamos fazer e obviamente se chegar ao final deste semestre, início do segundo, nós não pudermos divulgar porque as condições não alteraram como parece, que é o teste de formação, nós aí não poderíamos fazer essa divulgação. Obviamente números todos nós temos, né, Paula, mas ele precisa convergir. Isto é uma verdade.

Com relação à unitização, olha, nós já ouvimos rumores disso. É muito difícil fazer esse comentário viu, Paula, mas o que eu acredito é o seguinte; se for para colocar a gente com Libra é porque a ANP está gostando muito disto, né? Eu não sei o quê que vai acontecer no futuro. Agora, uma unitização aí só teria sentido fazer agora se houvesse alguma coisa mais certa.

Porque a gente faria uma unitização agora com o governo? Não tem muito sentido fazer uma unitização hoje de Carcará.

Sra. Paula: Isso quer dizer então que com a informação que vocês têm hoje não tem volume suficiente do lado de fora para iniciar este processo, é isso?

Sr. Lincoln: O que se conhece é que pode, sim, sair. Não estão terminados esses estudos. Mas não há porque se começar uma unitização, mas há uma chance de fato de que o Campo extrapole os limites atuais do nosso BM-S-8.

Há sim, mas qual o sentido de fazer agora esta unitização? Não estamos vendo. Vai furar mais poços, então a gente não sabe porque deveria ter uma unitização neste momento. Seria mais adequado esperar isso, a própria perfuração de mais poços, ter mais dados, ter mais confiança e aí sim poder fazer uma unitização, mesmo que seja como o governo, com a Petrosal, com quem seja, de direito.

Então, eu diria que não há razão suficiente para uma unitização no momento.

O caso de Abaré Oeste está muito ligado às decisões do Bloco BM-S-9, e o Consórcio continua discutindo o que fazer e nós aguardamos. O nosso vetor aí sempre é a Petrobras e a Petrobras nos reporta que o Consórcio está decidindo o que fazer com Abaré Oeste, e parece que necessita de uma declaração de comercialidade ou algum esforço adicional para essa decisão. Assim que essa decisão for tomada, aí sim, nós seremos contatados para saber qual é a nossa participação e como será feito Abaré Oeste para o caso de unitização ou eventual esforço adicional no Campo.

Leilões da ANP; eu não acredito que vá atrasar. Há um problema político, há todo um envolvimento do governo em promover estes leilões, há um esforço, pelo menos muito recente desses últimos dias, de uma atuação do Governo Federal em ser o árbitro desta disputa entre os estados, e os estados do nordeste já tomaram algumas decisões com respeito a retirar a proposta dos Campos licitados.

E eu acho que tudo isso deverá diminuir o potencial de atraso. Ou seja, se evitarmos um julgamento no STF vai facilitar a manutenção dos leilões da ANP. Caso haja alguma decorrência, vamos dizer assim, mais judicial do assunto, pode haver um atraso, mas um atraso pequeno. Nós acreditamos firmemente que esse leilão deverá ocorrer ainda neste primeiro semestre.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Vicente Falanga, Santander.

Sr. Vicente: Bom dia a todos. Eu tenho uma pergunta mais para a Paula aqui. Eu acho que vocês são um dos favoritos para potencialmente levar, como foi falado aqui, alguns blocos no leilão da 11ª rodada, dada a situação financeira muito saudável de vocês. Caso vocês levem alguns blocos, vocês pretendem se alavancar um pouco ou não, esta não é a ideia ainda? Obrigado.

Sra. Paula: Oi Vicente. Então, respondendo sua pergunta, na verdade, eu acho que uma alavancagem da Companhia ela está no nosso radar para o médio prazo, eu diria, mas

não somente em função do leilão da ANP, acho que se a gente olhar o nosso CAPEX de desenvolvimento de Atlanta, Carcará, para frente, a gente tem um plano de desenvolvimento importante e é saudável que a gente tenha alguma dívida no balanço da Companhia.

Então, eu acho que mais para frente, acho que a gente está *fully funded* até 2014 e depois a gente tem a capacidade de alavancar em cima do balanço. Para isso a gente tem o fluxo de caixa de Manati, tem contrato de longo prazo com a Petrobras, com cláusula de *take or pay*. Então, a gente tem algumas alternativas. Tem a própria reserva para ser usada como garantia de Atlanta, e futuramente de Carcará, então, eu acho que a gente tem algumas alternativas de alavancagem para fazer frente a este *funding*.

Não vincularia isso tanto à participação no leilão, no leilão a gente acaba tendo os compromissos um pouco mais suaves neste primeiro momento, e os grandes investimentos um pouco dilatados, mais para frente. Então, eu acho que o que a gente tem aí no curto prazo de investimento importante, mais relevante, é o SPA de Atlanta e futuramente o desenvolvimento de Carcará, e para isso eu acho, sim, que a gente vai passar por dívida. É o próximo passo para a Companhia. Acho que a próxima necessidade de *funding* que a gente tiver vai ser acessando mercado de dívida.

A gente tem espaço no balanço para isso, tem reservas para usar em garantia e acho que isso vai trazer um valor adicional e tornar a nossa estrutura de capital mais eficiente.

Sr. Vicente: Tá bom, obrigado, Paula.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Luiz Pinho, UBS.

Sr. Luiz: Oi, boa tarde a todos. A minha pergunta é sobre esse *guidance* de vocês sobre a produção de Manati. Dado tudo o que tem acontecido no setor, eu acho natural até os investidores agora assumirem sempre o lado mais conservador, portanto, estes 5,5 milhões de m³.

Mas eu queria entender, me parece esse *low range* muito conservador considerando que 5,5 estaria 8% abaixo do padrão de 6, o que coincidência ou não, é a mesma coisa que um mês representa no ano, 8%.

Além disso, vocês comentaram que nos 3 primeiros meses a produção está bastante forte, acima de 6 (se eu entendi bem, 6,5). Então, assim, a pergunta é: eu não deveria estimar algo como um ponto médio desse *guidance* ou possivelmente até o topo deste *range*? Até porque eu imagino que a manutenção seria feita num momento de baixa demanda. Essa seria a minha primeira pergunta.

Sr. Danilo: Boa tarde, Luiz. Olha, os nossos cálculos se baseiam justamente na ótima demanda do ano de 2012. Como você disse, uma paralisação que a gente tem de 20 a 30 dias, de repente 8%, a nossa média de 2012 foi de 6,1. Tirando estes 8%, vai mais ou menos para 5,6. Eu estou colocando essa possível chegada a 6 justamente pela demanda maior nos 3 primeiros meses, mas é muito difícil levar o ano todo vendendo 6,5 milhões de m³ por dia.

Então, o nosso cálculo entre 5 e 6 não é conservador; ele é bem realista em cima dos dados que a gente tem tido nos últimos 5 ou 6 meses.

Sr. Luiz: Ok, obrigado. Se eu pudesse passar para a próxima pergunta, eu não sei se vocês viram, saiu na imprensa um comentário sobre um secretário do Ministério das Minas e Energia dizendo que Carcará poderia conter até 1 bilhão de barris.

Eu sei que vocês não podem falar em números, mas, de repente, se vocês pudessem fazer algum comentário qualitativo, se de fato essa pessoa tem condição de dar uma estimativa dessas, se este número faz sentido, enfim, o que você poderia clarificar seria muito importante. Obrigado.

Sr. Lincoln: É Luiz, nós também ouvimos esta declaração e, obviamente, também não deixamos de ficar contentes, mas é sempre importante destacar que a gente não sabe qual foi o contexto que o Secretário falou a respeito de Carcará. O que nós podemos dizer a você com segurança é de que esse é um número potencial, este é um potencial *outcome*, mas o que é importante é que este não é o único número associado a Carcará, existem outros.

Nós temos um *range* muito grande de volumes como nós sempre afirmamos, tá certo? E este é um dos potenciais números que estão dentro desta área. Mas é importante dizer que há outros e há que analisar o contexto em que o Secretário falou deste assunto.

Não é o número que está fora dos números possíveis dentro do *range* já estabelecido pelo Consórcio, ok?

Sr. Luiz: Tá, então, para cima ou para baixo deste patamar que ele falou, né?

Sr. Lincoln: O *range* continua para os dois lados o e, obviamente, os estudos e as próximas ações que nós iremos fazer como o teste, o poço de extensão, tudo isso é para, na verdade, tenta levar o número para cima, mas depende do resultado.

Como eu disse anteriormente, nós fizemos vários testes no poço, tem muito dado que está sendo trabalhado pelo operador e que vai ter impacto, obviamente, na definição destes números e com certeza nós vamos ter uma convergência. Este é um número, mas não é o único número, ok?

Sr. Luiz: Ok. Deixa eu abusar um pouquinho e fazer uma outra pergunta. Quando vier o relatório de certificação sobre Carcará, como é que ele vai aparecer? Todo o volume vai ser classificado como contingente e aí, eventualmente, pode parecer um número menor do que vocês enxergam porque vai ter somente um poço, ou você pode ter uma combinação de contingente e prospectivo? Como é que os investidores deveriam se preparar para olhar este número?

Sr. Lincoln: Bom, muito bem. Eu repito que ainda que se faça a certificação de Carcará não quer dizer que ela será publicada. A publicação de Carcará, o número que nós gostaríamos de falar é o número que saísse do Consórcio. Esse seria o melhor número hoje para se falar. A gente vai fazer a certificação porque é um processo que nós necessitamos, mas a divulgação dele, ela é contingente à aprovação do Consórcio.

Se o Consórcio tiver o número antes ou até depois, como tudo indica, este número virá depois da nossa certificação, nós não vamos poder obviamente divulgá-lo. Tecnicamente você tem razão: deverá aparecer um número contingente e deverá aparecer um número prospectivo, que seria aquela área drenada ou que você tenha uma maior certeza da ocorrência do seu óleo e uma outra área que vai depender da continuidade da atividade.

Não é um poço só de extensão que vai, obviamente, delimitar a área, mas esse é um poço importante, a depender da estratégia que for estabelecida para a sua perfuração, existem várias opções já sendo analisadas pelo operador e pelo Consórcio, e essa decisão vai ter um determinado foco, que ainda não está definido. Desta maneira, mesmo com o poço de extensão, a maior probabilidade é que no futuro a gente tenha uma área que seria contingente e uma área que seria prospectiva, que somariam um volume de óleo recuperável total em boe lá no futuro, tá bom?

Sr. Luiz: Ok, muito obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Anish Kapadia, TPH Investment Bank.

Sr. Anish: *I have a few questions, please. First, just going back to BM-S-8, I know you don't have enough information for recoverable resource estimates, but I assume you have a good number in terms of oil in place, so I was just wondering is about 5 million barrels a reasonable number for oil in place number?*

And also can you give us a pre-drill estimate on the Guanxuma prospect that you are going to drill on the BM-S-8 next year?

And the second question was: I was just wondering if you could just remind us and run through the details on the BM-J-2 prospects and I'm just wondering over here, you have got 100% in it, would it not make sense to farm-down that prospects before you drill it and have you got any offers on that?

The final question was on Manati; I was wondering if you would be interested in increasing your stake in Manati if any of your partners are looking to sell down? Thank you.

Sr. Lincoln: *Thank you, Anish.* Muito bem, com relação ao Guanxuma, sem dúvida nós estamos revendo as estimativas de volume. O operador e o próprio Consórcio estão revendo à luz dos dados que nós tivemos do poço Carcará. Guanxuma já era um prospecto e agora está sendo revisto porque nós temos que incorporar os resultados, seja na parte da petrografia, sejam todos os resultados que nós obtivemos da qualidade do reservatório para Guanxuma.

Então, todo o bloco hoje está sendo objeto de reavaliação em função do resultado de Carcará, e Guanxuma também, que é o que a gente espera furar em 2014. Inicialmente a gente espera furar em 2014, vamos ver.

Mas, ele está sendo revisto e em nossa opinião a gente espera que seja para melhor quando esta revisão acabar.

Com relação ao volume *in place* do Carcará, sem dúvida, para se calcular qualquer volume recuperável a gente tem que ver o *in place*, e a nossa distribuição do *in place* é grande também, obviamente é grande. Se a gente tem uma distribuição muito aberta para o volume recuperável, conseqüentemente temos que ter uma distribuição muito grande para o volume *in place*, que é dado fundamentalmente pela área e pelas características dos reservatórios e outras propriedades físico-químicas do óleo.

Desta forma, a única forma de transformar isso vai ser com a avaliação de fator de recuperação, que virá com o teste. Então, este número que você citou de volume *in place* está dentro do *range*, mas também não é o único como foi citado já anteriormente. O *range* continua um *range* muito aberto, um *range* muito grande de mínimo e máximo

exatamente pela falta ainda de elementos para que a gente convirja para o centro da distribuição nas distribuições estocásticas que são feitas a partir de um outro caso, ok?

Muito bem, do BM-J-2 eu acho que você tem razão, ela é razoável. A Companhia não tem como meta ficar com 100% de bloco nenhum. Este é o único bloco que nós temos uma participação acionária de 100%. Não é nossa intenção. Muitas vezes as posições de 100% elas são táticas; elas são necessárias para aquele momento para se permanecer numa bacia, e foi o que aconteceu no passado. Esta é uma área que nós detínhamos um conhecimento diferencial, era uma área que nós já produzíamos, certo, é uma bacia bem próxima à bacia de Camamu, onde está Manati - que em seguida o Danilo pode falar com você - e justificou naquele momento estarmos, porque nós tínhamos alguma coisa.

E desta forma, naquele momento fez parte essa decisão. Hoje em dia, sem dúvida isso pode fazer sentido empresarial, mas esta decisão a diretoria só pode tomar, ainda que ela seja uma decisão que já passou pelo nosso radar, ela só pode tomar à luz de como está o mercado. O mercado hoje está super ofertado, portanto, é uma decisão não muito simples de se tomar, de vir a mercado fazer oferta de *farm-out* quando nós temos *bid*, provável presença da Petrobras, um mercado com *asset* no Brasil. Ela tem que ser bem analisada, mas ela faz algum sentido, como você falou. Faz porque nós nunca queremos estar com 100% de participação, sobretudo em área exploratória.

Sra. Paula: Bom, respondendo à sua última pergunta sobre uma possibilidade de aumentar a nossa participação em Manati, a gente, de fato, está num momento de expansão do nosso portfólio, mas o racional da companhia para expansão de portfólio tem tido um foco muito maior em ativos exploratórios ou em desenvolvimento, ou ativos onde a gente consiga enxergar uma criação de valor, um *upside* com as próximas atividades.

Manati é um ativo importante para gente, ele tem uma geração de caixa importante para gente que garante uma solidez e uma geração para os nossos investimentos futuros, investimentos exploratórios principalmente, mas ele é um ativo que, hoje, ele já tem uma produção dada; ele não tem mais uma criação de valor, um *upside* para novos investidores.

Então, a gente de fato analisa qualquer oportunidade que tenha para a Companhia, mas a gente precisaria ver uma criação de valor nessa aquisição, e que talvez seja um pouco menos clara em ativos que estejam no grau de maturidade de Manati, que já é um ativo desenvolvido e em plena produção, e cujas variáveis já são conhecidas.

Então, a gente precisaria, para uma posição desta de aumentar o nosso *stake*, a gente precisaria enxergar uma criação de valor, que não nos parece tão clara num primeiro momento.

Sr. Anish: *Thank you. Can I just ask one quick follow-up question? I was just wondering if you could give your current estimate for development CAPEX in 2015 also. Thank you.*

Sra. Paula: A gente ainda não divulgou os números para 2015. A maioria do SPA de Atlanta já está contemplada nos números de 2013, 2014 e 2015 a gente talvez já estivesse falando de números de desenvolvimento, mais voltados para Carcará, e aí o *disclosure* completo ele vem quando a gente tiver os dados finais de Carcará para informar para o mercado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Gustavo Gattass, BTG Pactual.

Sr. Gustavo: Bom dia, pessoal. Eu tinha algumas perguntas aqui, alguns *follow-ups* também das coisas, então, vou tentar bater um pouquinho mais rápido. A pergunta inicial: já que tem toda essa dúvida cercando o lado de Carcará, eu só queria entender de vocês porque que vocês estão pensando em esperar tanto tempo para fazer um relatório, então? Isso é para potencialmente entrar os ativos que vocês pegarem na próxima licitação?

Sr. Lincoln: Não necessariamente não, Gustavo. Nós esperávamos fazer este relatório até no final do ano passado, já talvez incorporando até o próprio resultado de Carcará que se prolongou. Se prolongou por um motivo bom, um poço profundo, um poço com muitos dados, um poço com aqueles dados que você já conhece e obviamente nós tentamos furar até onde fosse possível. Foi um poço que durou um ano praticamente, e com isso nós não víamos vantagem em fazer o relatório como nós pensávamos não tendo Carcará que estava em perfuração, com já dados divulgados, e se nós tivéssemos podido provavelmente fazer o teste, com maior probabilidade, nós teríamos a chance de divulgar o *range* de volume com uma certeza melhor.

Foi esta a motivação de transferirmos para o ano de 2013 a certificação de Carcará. Isso continua, mas, obviamente, a não consecução do teste e, por conseguinte, a falta de dados mais substanciais a respeito de produtividade, etc. para um campo nessa magnitude, acima do que nós havíamos tentado antes, evitou que a gente fizesse a divulgação ao nível de consórcio.

Ou seja, chegou-se a conclusão de que se precisava de mais dados para que se pudesse de maneira racional e responsável fazer o anúncio de um *range* de volume, que ainda é a nossa meta, mesmo existindo o teste ou não. É sempre falar de *range* de volumes dado que um poço só, ou eventualmente dois, não seriam suficientes para um número mais fixado, um número mais central de recuperável ou até mesmo *in place*.

É isso o que ainda está comandando; precisamos de um pouco mais de números, e agora nós vamos continuar fazendo, ou tentar fazer a certificação para demonstrar as outras coisas que estão dentro do nosso portfólio, do B-S-4, de Piapara, de BM-C-27. Todas essas certificações, quando nós fazemos, nós submetemos também uma autorização aos sócios, respeitando o nosso JOA, respeitando os nossos contratos privados que nós vamos fazer com eles.

Para Carcará, eu não creio. Eu não posso dizer 100% que não vá ocorrer, mas eu não creio que a gente faça uma divulgação, mesmo certificado, sem ter a anuência dos sócios. E para isso, foi uma decisão de todos de que era necessário o teste de formação do poço de extensão.

Sr. Gustavo: Tá bom, mas Lincoln, então, se a decisão realmente já foi a de não incluir, se é improvável a inclusão de Carcará, porque esperar e não pedir agora?

No *press release* vocês estão dizendo que vocês estão planejando contratar, vocês ainda não contrataram. Porque não fazer logo o resto do portfólio? Tem mais alguma limitação de *timing*?

Sr. Lincoln: Não Gattass, é que o processo mesmo é que é um pouco mais demorado. Tinha pouca gente. Nós estamos conversando com a Gaffney, a própria Gaffney tem uma disponibilidade pequena no primeiro trimestre porque ela faz muita certificação de reservas das companhias. Então, ela tem uma certa limitação que se estendeu aí até fevereiro depois do carnaval, mas nós já estávamos em conversação e nós já estamos

obviamente fechando essas discussões para que isso se inicie muito brevemente, a revisão dos nossos *assets*.

Isso já está em andamento, sim, e só não se antecipou também por isso que eu estou dizendo; eles também tinham compromissos, nós tínhamos alguns compromissos ligados sem dúvidas ao *bid* e foi uma acomodação de ambas as partes para isso. Mas já está andando para a assinatura deste contrato.

Sr. Gustavo: Está ótimo. Eu tinha duas perguntinhas rápidas para você, Lincoln, e uma, mais acho que para o Danilo. A do Danilo, eu só queria entender; esta manutenção que vocês estão fazendo, é uma manutenção ou é algum tipo de *upgrade* com a compressão que estava planejada e, assim, se efetivamente tem alguma coisa nela que vocês vêem como risco de ter problema como lá no ano retrasado, assim “opa, descobri alguma coisa, deixa eu parar a plataforma por muitos meses”.

E as duas para você, eu só queria ouvir de você; vocês estão aqui com uma mensagem de perfuração do Alto de Canavieiras ainda este ano para quando a gente tem lá outubro como um *deadline* meio duro, e tem – eu vou usar a pronúncia do Anish que eu achei sensacional – e tem o Guanxuma, que vocês estão colocando como 2014, mas de fato a gente ainda não sabe se a ANP vai topiar ou não.

Assim, que nível de convicção que vocês têm nestas duas datas?

Sr. Danilo: Gattass, bom dia. A manutenção de Manati é agora uma manutenção programada, é uma parada programada, ela é obrigatória por norma. A cada 5 anos é necessário ser feito esta parada, ela estava programada para o final do ano passado, foi postergada por algum tempo até abril por conta da necessidade de alta demanda de gás das termelétricas, mas não tem nada, nada associada à manutenção que nós fizemos em 2011.

A manutenção que nós fizemos em 2011 foi reparadora. Essa é programada para a obediência às normas, ok?

Quanto ao BM-J-2, nós estamos prontos para furar, estamos em conclusão da assinatura de contrato com a sonda que deverá estar aqui em maio e estamos prontos para iniciar esta perfuração em junho. A estimativa é que se conclua entre 45 e 60 dias. Todo o suporte logístico já está também contratado. Estamos tranquilos quanto à conclusão até a data permitida pelo IBAMA.

Sr. Gustavo: Perfeito.

Sr. Lincoln: Gattass, com relação à Guanxuma, deixa eu te fazer um pequeno histórico. O operador colocou uma revisão do plano de avaliação que deu ensejo à perfuração de dois poços já nessa área; Biguá e o Carcará. Esse plano é o do Bem-te-Vi, que foi a primeira descoberta nesta área. A Petrobras colocou um novo plano lá, por quê? Isso terminou em dezembro com a perfuração do Carcará e obviamente com esse resultado há muito a se fazer nesta área.

Então, a Petrobras já colocou este plano para a Agência para que ela se posicione a respeito das propostas que foram colocadas para a extensão do plano de avaliação do Bem-te-Vi, mas obviamente ligado muito ao Carcará, às próximas perfurações que a gente quer fazer.

Então, a nossa perspectiva de 2014 é uma perspectiva de pelo menos começar. Mas é uma perspectiva. Pode ser também 2015. Nós continuamos aguardando essa decisão, mas trabalhamos aqui internamente, mapeando, revendo essas possibilidades. A perfuração, sem dúvida, depende de todo um processual, a começar pela própria aquisição de material e *slot* de sonda, etc., que a Petrobras está avaliando.

Mas o ponto crucial aqui é aguardar o posicionamento da ANP em relação à série de ações que foram propostas para eles e que nós estamos aguardando.

Então, a gente fala provavelmente 2014 porque moveríamos uma sonda em 2013 para fazer a extensão e seria uma boa oportunidade, mas desde que isso esteja aprovado no plano e desde que isso esteja dentro, obviamente, desses aspectos operacionais que a Petrobras está avaliando.

Então, é um *wishful thinking* sim, é, mas também depende da ANP e de todo este processo que está se seguindo.

Sr. Gustavo: Tá ótimo, obrigado gente.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. André Sobreira, Credit Suisse.

Sr. André: Oi boa tarde pessoal. Duas perguntas rápidas. A primeira: sobre a próxima rodada, a idéia é ainda fazer parcerias e não entrar como operador? Só queria confirmar se este é o conceito.

E a segunda ligada ao mesmo tema; você mesmo mencionou que tem muito ativo à venda no Brasil e eu queria entender o foco de vocês, se pudessem escolher estaria mais na 11ª rodada ou tem ativos que estão à venda que interessam e que têm um *fit* bom com o portfólio? Eu queria só entender como é que a Companhia está pensando com relação a isso. Obrigado.

Sr. Lincoln: Bom dia André, obrigado pela sua pergunta. Bom André, como uma decisão corporativa da Companhia, a gente sempre vai procurar estar em parceria. Essa é uma forma adequada - não só nós, isso é algo que acontece com todas as companhias - e nós vamos perseguir isso também, dentro de uma lógica do bloco, dentro de uma lógica de exposição financeira, dentro de uma lógica de risco. Tudo isso percola, essa avaliação depende das companhias e depende dos blocos que você está falando. E a resposta, assim, vamos dizer clara no fim do dia é de que sim, a gente quer entrar como parceria.

A operação é algo que nós podemos fazer. Este é até o diferencial da companhia; a gente vai buscar também a operação. Mas, ela não é o *must*. Ela tem que existir para a gente estar nos blocos? Não. Essa é uma operação em uma área que é obviamente difícil, tem uma infraestrutura que não é muito desenvolvida, uma logística que não é tão fácil, então, há de se avaliar a melhor forma de estar presente como operador. Mas, sim, nós podemos ser e também estamos colocando na mesa a possibilidade de operar alguns dos blocos. O importante é estar no certame, é estar na mesa e disputando lá.

Ganhar vai depender de quão competitivo isso vai ser, porque a gente sempre pretende estar dentro de alguma lógica de retorno.

Com relação aos outros ativos à venda, sem dúvida, a gente está sempre aberto a olhar e avaliar aquilo que a gente pode participar. Então, já para um ativo, está um pouco na linha com o que a Paula já falou com relação à Manati; ele precisa ter um valor, precisa ter um ganho para o nosso portfólio, há que haver um custo de oportunidade para que se

faça. E se for algo que seja no tamanho que a nossa Companhia possa participar ou eventualmente fazer uma oferta séria, e se estiver dentro das lógicas de crescimento que estão submetidas pelo nosso conselho, nós vamos tentar participar e tirar vantagem disso.

Este equilíbrio, obviamente, não é tão simples por que deve tudo ocorrer concomitantemente, a depender de quando nós formos convidados a participar de um eventual *farm-out*. Mas, está tudo correndo ao mesmo tempo. É o equilíbrio que tem que ser levado com cuidado e com uma estratégia. Lembre-se de que os blocos são de longo prazo. Dá elasticidade ao nosso portfólio.

O que a gente quer? A gente quer montar um portfólio, mas não quer montar um portfólio baseado só em área de fronteira, mas tem espaço para área de fronteira. As oportunidades que muitas vezes surgem, que pelo menos se comenta que estão no mercado, são oportunidades, eventualmente, que já estão num estágio mais avançado, então, elas são oportunidades que têm esse elástico de curto prazo e obviamente tem que ser avaliadas e mitigadas em relação à situação financeira da Companhia. E tudo isso, então, tem de entrar neste pacote.

Mas, sem dúvida, nós vamos estar avaliando o que se apresente e aquilo para o qual nós formos convidados.

Sr. Gustavo: Ok, obrigado Lincoln.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Luiz Otávio Broad, Ágora Corretora.

Sr. Luiz: Boa tarde a todos. Eu tenho uma pergunta relativa ao que foi muito discutido ontem no fórum IBEF de Óleo e Gás, relativa a dois problemas do setor hoje, que são: primeiro o risco regulatório mais alto desde que teve essa nova distribuição dos royalties e alguns estados ameaçando novas taxações na suas produções de petróleo. E segundo, a questão do conteúdo local, que é sempre uma preocupação para as empresas.

Eu queria saber, na visão de vocês, o que quê vocês enxergam disso e qual que seria o maior problema do setor; seria o conteúdo local ou realmente o risco político que está mais elevado agora? Obrigado.

Sr. Lincoln: Bom Luiz, prazer e obrigado por estar na nossa conferência. Bom, são dois problemas diferentes. Um é de ordem, digamos, até mais financeira, admitindo que você tem um problema que pode ser eventualmente legal e outro que é mais financeiro.

O conteúdo local é algo que veio para ficar. E eu acho que o governo também não está com os olhos fechados em relação a isso e está, aparentemente, disposto a negociar, a adaptar e promover que a presença das companhias, que estejam no Brasil no longo prazo e facilitando um pouco, talvez, algumas das propostas para os *bids*.

Então, nós vamos sobreviver ao conteúdo local. É uma discussão necessária, que está vindo e quanto mais atores tiverem nela melhor. Todos vão se submeter ao conteúdo local ainda que mereça ter uma reflexão de todos os atores com relação a isso. Não sobre o rumo, mas o passo. Ou seja, o norte é este mesmo, mas a velocidade com que isso vai ser tomado é que deve ser, provavelmente, discutida e a gente crê no bom senso de todos para esse fim, para que as rodadas tenham êxito, inclusive.

Com relação ao regulatório, sempre assusta um pouco, é verdade. É algo que nem sempre é bom, mas a gente acha que isso é uma turbulência de curto prazo. Nós vimos

que isso teve um pico muito forte, uma temperatura muito alta e já começou a abrandar por algumas reações dos próprios governadores.

Sem dúvida, qualquer modificação – isso não é aqui, no Brasil, é em qualquer lugar do mundo – qualquer mudança ou qualquer ameaça, ou qualquer evidência de uma instabilidade legal ou jurídica causa turbulência. E não é bom.

Mas, sinceramente, a gente acha - não só por ser uma empresa brasileira que está aqui e vê isso com algum filtro - mas a gente está vendo que o bom senso está começando a prevalecer e as discussões vão ser feitas. Aparentemente o governo federal vai ser um árbitro destas coisas com motivação para acalmar estes ânimos, então, eu acho que começou a melhorar.

É motivo de preocupação? É sim, pode atrasar, sem dúvida. Mas nós não cremos. E as últimas notícias, sobretudo nestes últimos dois dias, tem mostrado que já há iniciativas de ambos os lados para que isso não convirja ou que não vá para um judicialismo que poderia causar algum tipo de insegurança.

Nós esperamos que este seja o *trend* e que tudo corra como já programado.

Sr. Luiz: Ok, muito obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Felipe Santos, JP Morgan.

Sr. Felipe: Lincoln, boa tarde. Uma dúvida rápida sobre as rodadas. Muitas questões sobre as rodadas e a participação de vocês; como você vê o impedimento de vocês ou de qualquer outro *player* de participar das rodadas em função da falta de infraestrutura que a gente tem na margem equatorial, foz do Amazonas, etc.? Porque isso, em tese, você tem uma falta de portos e infraestrutura que impede a produção de óleo, ou seja, tem uma restrição para a entrega do óleo que teoricamente seja produzido naquela região. Como você vê esta situação?

Sr. Lincoln: É, de fato essa é uma característica, viu Felipe, mas a gente sempre tem que colocá-la sobre o relativismo. Quando a gente fala sobre a infraestrutura nós estamos muito acostumados aqui com o nordeste e com o sudeste brasileiro, que têm uma ampla infraestrutura, mas não quer dizer que não haja infraestrutura. A própria Petrobras e outras companhias operaram na época do contrato de risco, no início das licitações, operaram nesta área.

O que a gente vê, é que tem um pouco mais de dificuldade, a logística precisa ser bem planejada devido às distâncias, mas o grosso desta atividade - e você deve estar pensando em perfuração, por exemplo, quem é aonde a infraestrutura é um fundamento importante, seja para portos, seja para aeroportos, para helicópteros, etc., com certificação - vai haver pelo menos cinco anos para este fim.

Os contratos estão aí, no início vai ser sísmica, então, é uma coisa muito mais simples de fazer porque independe de uma infraestrutura próxima, né, os navios têm alta capacidade de permanência no mar e, quando necessário, a cada dois meses eles podem aportar. Então, desta forma é importante que se pense nisso, mas já existe uma infraestrutura. E o grosso desse problema só vai acontecer daqui a quatro a cinco anos, já que o que nós temos visto até o momento é que o primeiro período destes blocos será de 5 anos, é quando haverão, então, em tese, as primeiras perfurações.

Então, há um certo tempo para este equacionamento e a gente espera que, sem dúvida, essa região continue se desenvolvendo a ponto de submeter e a ponto de proporcionar pelo menos a infraestrutura básica que se necessita para uma operação *offshore* em águas profundas. Sem dúvida é o que vai ter que ser desenvolvido. Aqui na Bacia de Campos isso demorou algum tempo, foi até um *fast track* que aconteceu, mas hoje em Santos, que está a 300 km, isso já está sendo, quer dizer, vai passar por uma atividade ainda de exploração, e no futuro de produção com certeza isso também virá.

Isso é o que a gente espera, né, porque se não conseguirmos raciocinar desta forma não teria como entrar numa licitação.

Sr. Felipe: Claro, perfeito. Obrigado.

Operadora: Com licença, senhoras e senhores, lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um.

Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Lincoln Guardado para as considerações finais. Por favor, Sr. Lincoln, pode prosseguir.

Sr. Lincoln: Mais uma vez, então, eu quero agradecer a presença de vocês todos para este *call* de resultados nosso de 2012 que foi um ano, para nós, considerado excepcional, de confirmação, um ano de resultados e de consolidação da nossa presença neste cenário e com grande perspectiva de crescimento como nós pudemos discutir com vocês agora.

Eu quero agradecer a presença de todos, as perguntas e renovar que a nossa área de Relações com Investidores continua à disposição para qualquer outra dúvida que vocês tenham e todos nós de forma a poder transmitir e dar tranquilidade a vocês com relação ao crescimento futuro dessa Companhia.

Uma vez mais muito obrigado a vocês todos e tenham um bom final de semana.

Operadora: A audioconferência da QGEP está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham uma boa tarde. Obrigada.